



Experimentação abstrata com crianças

Abstract experimentation with children

Mônica Maria Kerscher¹

Cláudia Regina Flores²

Palavras-chave: Educação Matemática. Experiência. Oficina. Arte.

Linha Temática: Educação Matemática.

Ocupamo-nos neste espaço em apresentar parte – entre tantas – de uma pesquisa de mestrado em (trans)formação e com-posição, que se dá, também, com o encontro do Grupo de Estudos Contemporâneos e Educação Matemática – GECEM/UFSC. Experimentamos, aqui, pensar a educação matemática *no entre* da matemática e da arte por meio de uma oficina com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolvida no período de março e abril de 2017. ‘Que está entre’ quer dizer que não corresponde estritamente a um ou a outro, mas, de alguma forma, alguma coisa que está entre eles, com eles, diz respeito a eles e para além deles, um espaço de encontros, uma rede sempre aberta para acolher a multiplicidade (DELEUZE, 1992).

As oficinas são engendradas, em nossa pesquisa, como espaços coletivos, territórios de fazer junto, de fazer com. Produções movediças, criação e invenção do que acontece e nos acontece. São planejadas e preparadas de modo que possa haver aberturas de chances para que algo apareça, aconteça e se comunique, que incite, provoque, que faça-nos pensar, e pensar novamente, nos envolva (MASSCHELEIN, 2012). É, portanto, um lugar onde todos estão em

¹ Licenciada em Matemática, mestranda em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, monicakerscher@gmail.com.

² Doutora em Educação, professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, clareginaflores@gmail.com.



“situação de igualdade: tempo, espaço e conhecimento. E todos em iguais condições de pensar, pois nessa atividade não se pressupõe um dom excepcional, um talento particular ou um privilégio. Uma experiência que não se refere a um *tempo ou ambiente de aprendizagem*, mas à ideia partilhada, à existência de um mundo comum, tendo na transmissão e na transmissibilidade sua condição de permanência, de durabilidade” (FLORES, 2017, p. 183, grifos da autora).

É nesse fluxo que uma oficina é ensaiada. Fazemos um exercício de pensar, de sentir, de se afetar, de estranhar, de *experiência* (LARROSA, 2016) com crianças por meio da oficina *Ex-pectador-autor* com arte abstrata geométrica. Uma oficina que permitiu que o espectador [em especial, as crianças] deixasse de ser apenas espectador e se transformasse em experienciador-autor. Ela foi constituída por fitas coloridas que tomaram diferentes formas, entre elas, uma gota, uma roda, um oito virado, ou ainda, uma fita de Möbius.

Mônica: *Pensem se fosse de vocês colarem as pontas dessa fita, como vocês colariam?*

As crianças experimentaram pensar com o fazer e fazer com o pensar na dobragem, colagem e recorte de sua fita, que por vezes pode-se ser confundida com infinitos, uns maiores que outros, talvez *Infinity: formas geométricas*.

Mônica: *Com o que ficou parecida essa fita de vocês será?*

Letícia: *Eu sei! É o símbolo da matemática.*

Jhéssyca: *É o Infinito.*

Mônica: *E o que é o infinito?*

Luca: *O infinito é uma coisa com infinidade infinita.*

Os burburinhos e descobertas sobre a fita faziam-se acontecimento entre nós. Permitimo-nos fazer daquele espaço de pensar com a fita um momento, também, de suscitar ideias matemáticas, ou melhor, colocar as situações que nos tocam, nos passam, em jogo. O que os alunos produziram não foi apenas uma dobragem que representasse a imagem do infinito, ou de uma gota, ou de



outra coisa qualquer. Foi mais que isso, eles produziram pensamentos em que um modo de falar sobre tamanho, proporção, formas geométricas, geometria não-euclidiana, realidade, suscitadas no âmago das *visualidades*, fizessem pulular um modo de pensar matemática.

Assim, uma oficina-que-pensa-experimenta com crianças pode ser tecida, dobrada e *desdobrada*, na tessitura de uma pesquisa em Educação Matemática. Assume-se algum sentido, uma textura, quando os rastros produzidos por ela reverberam naquele que a experimenta, fazendo sentir, pensar e criar novos perceptos e afectos, fazendo exercitar suas visualidades; onde “o *conhecimento* é sempre alguma coisa que está em jogo” (FLORES, 2017, p. 179, grifo da autora), sobre a mesa.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

FLORES, Cláudia R. In-fante e profanação do dispositivo da aprendizagem matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, INMA/UFMS, v. 10, n. 22, seção temática, p. 171-188, 2017.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1. ed.; 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MASSCHELEIN, Jan. Inciting an attentive experimental ethos and creating a laboratory setting. *Philosophy of education and the transformation of educational institutions*. **Zeitschrift für Pädagogik**, p. 354-370, 2012.